

O LIVRO DE COMO SE FAZEM AS CORES

DE ABRAÃO B. JUDAH IBN HAYYIM

S. Blondheim, publicou na *Jewish Quarterly Review* (1928, vol. XIX, págs. 97-135), um artigo intitulado «An old portuguese work on manuscript illumination», em que nos dá notícia da existência, na Biblioteca Palatina de Parma, de um manuscrito com um texto português, escrito em caracteres hebraicos, sobre o fabrico de cores próprias para iluminuras. Trata-se do ms. n.º 945, descrito no catálogo elaborado por Rossi (*MSS. Codices Hebraici Bibliothecae, Parmae* — 1803, vol. III, págs. 21), que insere, de fólhos 1 a 20, o *Livro de como se fazem as cores*, escrito por Abraão b. Judah ibn Hayyim, e terminado em Loulé, em 1262, segundo defende Rossi.

Porém, nem todos os autores que estudaram este manuscrito, estão de acordo com a data em que teria sido redigido. Assim, por ex., Zunz, em *Gesammelte Schriften* (Berlin — 1876, vol. III, p. 11) defende que os caracteres hebraicos parecem ser do séc. XVI, e que a data atrás referida não foi escrita pelo mesmo copista do manuscrito. Blondheim, por outro lado, assevera que «a presente forma do texto data de um período posterior ao séc. XIII» e que «pode ter sido escrito na Galiza» visto um José ibn Hayyim ter terminado a iluminura de uma Bíblia, na Corunha, em 1476, como noticia a *Revue des études juives* (1921, vol. LXXIII, p. 162).

O mesmo Blondheim fez seguir o seu curto artigo, do texto do *Livro de como se fazem as cores* em caracteres hebraicos e em tradução inglesa. Anos depois, em 1930, nos *Todd Memorial Volumes — Philological Studies*, vol. I, publicou o texto português em caracteres vulgares (págs. 73 a 83), precedido de breve introdução em duas páginas (p. 71

e 72). Nela refere, contudo, as dificuldades que teve na transliteração dos caracteres, agravada pelo facto de estar pouco familiarizado com o português antigo (p. 72).

De qualquer modo, estamos perante um texto pouco conhecido em Portugal, dada a inexistência destas duas revistas nas nossas principais bibliotecas, mesmo nas mais especializadas. A isto acresce tratar-se, ao que parece, do mais antigo receituário de fabrico de tintas utilizadas em iluminura, escrito em Portugal.

Por estas duas razões resolvemos reproduzi-lo aqui, tal como no-lo revelou Blondheim, embora introduzindo algumas pequenas alterações.

Não queremos, contudo, deixar de chamar a atenção para o facto de este *Livro*, assim como o *Lybro de Magyka*, de João Gil de Castiello ou de Burgos e o *Lybro conprydo en os juyzos das estrelas*, de Ali aben Ragel estarem redigidos em português, embora utilizando caracteres hebraicos. Como já dissemos, parece que a razão deste facto se deve filiar no cuidado que os judeus portugueses punham em que certos segredos se conservassem entre os da sua raça. Por isso escreviam em caracteres hebraicos, de uma maneira geral desconhecidos dos cristãos portugueses (Veja-se «A próxima edição de três traduções portuguesas, inéditas, do séc. xv» in *Boletim Internacional*, Vol. I, 1960, p. 563 a 585).

A. MOREIRA DE SÁ.

[LIVRO DE COMO SE FAZEM AS CORES]

Aqui se comiença o *livro de como se fazem as côres* das tintas todas pera aluminar os livros e digamos logo prime(i)ramente do oro (sol).

Se quisières fazer o oro con que pos(s)as aluminar o pintar o cabidoar o escrever as(s)i como te este livro dixer e mandar adiante e tu non mingoes nin acreçentes mas do que tu livro dixer, ca se o fizieres todo er(r)aras, e não te ver a prol en quanto fizieres. E por esta razon não faças per otra guisa senon como te o livro dixer e mandar fazer.

PRIME(I)RAMENTE tomaras dez onças de jubiter id es (sic) estanho craro e (fol. 1 b) linpio, e tomaras çinco onças de fugitivo id es azogue. E der(r)eteras prime(i)ro o jubiter (sic) e deita o fugitivo en un almofariz. E o estanho der(r)etido deita-o no almofariz com o azogue. E mistura-lhe çinco onças de ensofre (sic) e dos onças de sal armenico, id es anoxatar, e esto seja mui bien modo e peneirado. E o que non se poder peneirar, torna-o a moer ata ke seja todo peneirado. E entou ajunta todo en un baçio bien linpo e depois deita-o en ùa ar(r)edoma de vidro e investe-a de betume e de bôo bar(r)o forte quatro o çinco vezes, porque pos(s)a suportar o fogo. E enton mete-a en ùa panela che(i)a de çeniza do lar, da-lhe fogo menso ata ke vejas ke saia o fogo vermelho. E então atapa a boca da redoma con do bar(r)o, e le(i)xa-a estar sobre o fogo a panela con a ar(r)edoma (fol. 2 a) en ùas trepes. E as vegadas destapa a boca da-redoma e quando vedes ke não deita fumo nunhum, tira a panela con a ar(r)odoma de sobre o fogo, e le(i)xa-a estar a esfriar ata otro dia. E depois quebrantaras a rodoma e acharas un pão de oro fino. E moe-o pequeno e pequeno quando quisières lavar com ele e destenpera-o com agua gomada e fase com ele tua prol. E este oro dizen o oro musico.

CAPITULO SEGUNDO. Do oro. Pera fazer o oro de (sic) musico con que escrevas, toma jubiter e fujativo e sal armenico e enxofre tanto de ão como de otro. E fundi-lo-as nũa colhar de fer(r)o grande o jubiter, e deitaras en cima o fujativo. E meçe-lo-as (fol 2 b) todo mui bien con pao e deita-lo-as quente (ms. quento) no almofaris... sobre os poo do sal armenico e do ensofre. E moe-lo-as ata tanto ke seja todo en poo sutil. E tomaras todo este (ms. esto esto) e deita-lo-as en ãa colhar de fer(r)o, atal en que todo esto soltamente pos(s)a caber mui been. E aquentalo-as sobre brasas ata que fumeje, mes(s)endo senpre mui been. E depois torna-lo-as a moer otra vez. E deita-lo-as na colhar e poe-las sobre as brasas ata ke fumeje. E esto faras ata tres vezes. E des aĩ mète-lo-as en un pano de linho gros(s)o e ata-lo-as mui been quanto poderes. E poe-lo-as en cal viva como sair do forno en ãa panela sobre o fogo, ata que saia o bafo. E poe-lo-as ante sobre brasas porque seja ante quente. E despois tira-o do pano (fol 3 a) e deita-o en un pucaro de bar(r)o que seja feito e cozido em manera de rodoma. E cobre-o e bar(r)a-o mui been con bar(r)o de sobre a cabeça do pucaro been çar(r)ada. E poen-o sobre ãas trepies e da-lhe fogo grande des a manhã ata meio dia, e ata se(i)s oras do dia. E se esquebralhar o bar(r)o, pon-lhe otro por las escrebralhaduras; e, esto feito, saca tua obra, mas ante ale(i)xa (ms. — esa) esfriar ata otro dia. E quando quiseses escrever com el, toma goma aravica coma un ervanço, e ã otro seja como lentilha, e deita agua en ãa vie(i)ra quanta pos(s)a avondar a goma, e con ela destenpera o oro e escreve, e ficaram as letras fartas do oro.

CAPITULO III. Do oro. (fol. 3 b) Pera poer o oro en livros o sobre folhas de jupiter, que é chamado alfer, e pos(s)a brunhir. Toma o grude do çervo e deita-o en molho (agua) e deixa-o estar evanto ata ke se desaçe por si. E quando fôr been desfeito, prova-o en teu lado. E, se fôr been liquido e mole en es(s)a agua as(s)i feita, lançasas ocre e ã caroço de pes(s)ego todo modo. E o caroço seja prime(i)ro queimado, porque faça o oro mas resprandeçente. E depois poen esta confaçion do grude e do ocre e do caroço queimado cõmo dito, e escreve o quiseses, mas bafeja (ms. — ega) prime(i)ro o lugar onde pugeres esta confaçion sobre dita. E poen en cima o oro de escrever, e, despois que fôr enxuto, bruni-o com ã dente d'ũ javari mui pas(s)amente, e as(s)i por as been o oro.

E te mas (fol. 4 a) para fazer sisa para poer o oro: toma ã coiro d'ũ congrio e mete-o a cozer ata que se desfaga per si e coa-o en esta coadora.

E façe (sic) sisa d'ocre e d'ũ caroço de pes(s)ego, e poen o oro do esc(r)ever en cima en (ms. en en) esta sisa do pescado.

CAPITU(LO) IV. Do oro. Se quisieres poer o oro con dobra, o con escudo, o con frolin, o con anel de oro, toma a pedra cristal e moe-a muito e filha a c(r)ara do ovo been fritado e goma, e tenpra com esta e faze mas(s)a. E poen esta mas(s)a u quisieres e le(i)xa secar. E toma ãa dobra o frolin o escudo o anel como dito é e esfrega-o mu(i)to en cima da mas(s)a. E o que en aquela mas(s)a ficar luzente do oro, nunca se tolhera. E despois pesa (fol. 4 b) a dobra e não acharas menos d'ela nada.

CAPITULO V. De como se faz nobre azul. Cuando quisieres fazer azul que semelhe de Acre, toma ãa panela grande e nova, e faze en ela quatro furacos, e poen en aqueles furacos duas vergas de fer(r)o e que venhão en manera de crus. E despois averas laminas (ms. liminas) d'estina (1) luna, id es de prata estina, ben delgadas e untas com o mel. E pon-as en cima das vergas do fer(r)o en tal guisa que não achegue ãa a otra. E despois deita dentro na panela vinagre been forte, atanto del que chegue a as vergas e não pas(s)e ar(r)iba. E despois atapa been a panela con bar(r)o forte. E poras a panela en esterco de besta quente; que seja soter(r)ada (fol. 5 a) en ela ata a boca e mui been coberta ata vinte e dos dias. E a cabo de estes .xxii. dias destapa a panela e acharas na boca azul fino e ar(r)apa-o con ãa palheta de palo o de cana. E despois torna as laminas a a panela e le(i)xas estar os dias as(s)i como de prime(i)ro fizieste. E per esta guisa faras bõo azul, e podes fazer poco o miuto as(s)i como overes guisado.

CAPITULO VI. Do azul. Pera temperar o azul, toma a goma arabica luzente e fina en agua en ãa taça. E depois toma aquela taça en que estiver e coa-l-as con um pano de linho. E toma a terça parte da crara do ovo e deita com ela no corno o na concha. E te debes a saver que o azul debes renovar en cada un dia, porque se estiver per lungadamente (fol. 5 b) aquela agua no azul, tornas(s)e negro; e esto faras dos o tres vezes no dia. E tomaras da goma arabica e da crara do ovo e escreveras com ela. Cavidar-tas do azul luzidio; e o que es as(s)i como cardeo é bõo. D'azul te dou para o conoçeres: mete um pequeno d'ele na lingua o na palma o na unha do (ms. do do) dedo e se o sentires as(s)i como a de uso, mao é.

(1) Blondheim informa que o Prof. Lang sugere se leia *esterlina*.

CAPITULO VII. Do azul. Pera tenperar o azul toma azul d'Acre e moe-o ben com a decoada das vides levemente. E (ms. o) colhe-o en (ms. un) ãa vieira o concha e lava-o con aquela decoada das vides. E moe-o otra vez levemente (ms. — to) con ãa poca de rosa. E escreve u que quisiere o alumina o pinta o retalhas ãa pequena de crara d'ovo con goma. E não fique de um dia (fol. 6 a) pera otro con ela, que se tornara negro.

CAPITULO VIII. Pera fazer rosa. Toma ãa onça de brasil fino e rapa-o miudo e fino a de parte. E depois toma ãa quarta de onça de pedra ume, e toma peso de dos d'neros de alvaialde, e moe-o com a pedra ume en un almofariz e pon-o a parte. E toma depois o brasil e deita-o en ãa taça de malega e deita os outros poos con (ms. e con) o brasil. E deita-lhe em cima orina ata que se rescobram. E esten as(s)i per .iii. dias acavados e toda via meçendo-os con un pao cada dia .v. o .vi. vezes. E depois coa-o e apura-o por un pano de linho em cima de ãa pia feita de gis (o de pedra cre). E leixa-o beber na (fol. 6 b) pia, e, quando fôra enxuto, rapa-o mui been con ãa palheta. E guarda-o been do aire, e, quando quisiere lavar com ele, moe-o con agua gomada.

CAPITULO IX. Pera fazer otra rosa. Toma do brasil o que overes mester e arapa-o been miudo e deita-o en una olha pequena, nova. E deita na olha decoada de vides que seja o brasil d'ela covertor. E poen-a ao fogo e da-lhe ãa fervura atanto que tome a decoada sustança do brasil. E toma duas partes de pedra-ume e mais a meia parte de pedra cre e moe cada un muito por se. E depois mistura-o e moe-a de consun e faze, como ja sabes, de pedra-ume, rosa.

CAPITULO X. Para fazer mui nobre (fol. 7 a) azarcon. Toma alvaialde quanto quixeres e moe-o e peneira-o e lança-o en ãa tigela o tigelas anchas. O levas ao forno do vidrio e leixa-o i estar per vinte e dos dias. E acavados estes dias, tira-o do forno e acharas mui fermoso azarcão. D'esta guisa faras quanto quisiere.

CAPITULO XI. Pera fazer azinhavre mui fino. Toma folhas de cobre mui delgadas e molh(a)-as en vinagre quente e mui forte e mete-o en una olha acostada. E unta a boca da panela con mel e cobre-a con testo e soterr(a)-a con o esterco de bestas grandes e estee ali trinta e un dias. E, acavados os dias, tiraras a olha e acharas azinhavre. E rapa-o con ãa palheta e, (fol. 7 b) se mais quixeres fazer, torna a fazer como dito e averas bõo azinhavre.

CAPITULO XII. De otro azinhavre. Tomaras un alguidar e mea-lo-as de orinas been podres. E tomaras un baçio de laton mui ben lavado do fondo de fora e poe-las en cima do alguidar, que non cheguem as orinas ao fondo do baçio con dos dedos. E seja o fondo do baçio untado de bôo mel, e o baçio seja meado de dentro d'aqueles mijados. E encima do baçio enbroca otro alguidar. E encima do alguidar poras enxalmos, e verteras o vido do baçio en o alguidar de fondo. E vai ao fondo do baçio e acharas o mel que lhe poseste tornado en azinhavre. E rapa-o com ãa palheta e (fol. 8 a) guarda-o en papel. E (se) mas verde quixeres fazer, unta o fondo do baçio con mel e faze como da primeira fezeste e as(s)i faras cuanto quisieres. E pera a destenpraçon, pera este verde, quando quixeres lavar cõo ele, moe-o ante mui been e deita-lhe ã (ms, e) poco de açafraõ ben mo(i)do e destenpera-o con agua gomada, que não a diavlo que lhe tolha prez a a color.

CAPITULO XIII. Para fazeres nobre carmin, tomaras ãa olha grande, nova, em que caibão quatro açumbres de agua, e enche-a de mijados do omen. E mes(s)e-os por dias e faze-os been craros e toda ora que levantarem escuma. E depois que foren been cararos e escumados, toma ãa (fol. 8 b) tigela grande e poen sobre ela palha de centeio, e en cima da palha un pano de linho. E en cima do pano deitaras zinça (sic) de vides as duas partes e ã terço e cal viva e poe de fondo ãa olha. E deita en cima da barreira as orinas decoadas que coaste n'ã as(s)ado, e vai-o coando ata que se encha a panela d'esta decoada per guisa que caibão i quatro açumbres. E poen-a a fe(r)ver que mingoen ata .ii. dedos, e ao fogo otra olha cheia de orinas craras con a descoada, e fervão anbas. E lanças na panela das orinas clarificadas com a decoada ãa libra de laca. E daras fogo mahso e toda via meçando-a con un pao forcado poco. E quando fôr a laca der(r)etuda, coa-o em un saco de linho e poe en fondo un baçio. O que ficar no (fol. 9 a) saco mete-o na olha da decoada que guardaste ao fogo fervendo manso ata que seja der(r)etuda, mes(s)endo-a con un fuste. E depois coa-o aparte con aquel saco co-a frol. As(s)i faras carmi de duas naturas. E en pero prime(i)ramente debes clarificar as orinas.

CAPITULO XIV. Para otra carmin, toma ãa olha d'agua linpa e teva (tiva?) en guisa que se pos(s)a en ela der(r)eter (à margem dis(s)olver) ãa libra de pedra-ume, e toma d'esta agua do aume un açumbre. Deita o meio en ãa olha, e otro meio en otra olha, e volve-o con ã pao.

E depois le(i)xa-o crarificar. E, quando fôr poisado, vai vertendo da agua que sobre nadar. E quando fôr apurado que não pos(s)as sacar agua, mete-os em senhos sacos de linho e colga-os (fol. 9 b) que vertão sobre senhos testos ou tigelas. E o que se coar, se fôr, tira-o e torna-o ao saco e as(s)i faras ata que saia cararo. E depos que fôr craro, faras pulveirinhos como ervanços e poen-os a secar ao sol, que seja manso, e se o sol fôr forte, poen ùa saban(a) en cima, E, desque foren secos, guarda-os, e faz d'eles tua prol.

CAPITULO XV. Para fazeres vermelhon, toma cinco libras de fujativo, id es azogue, e poen-o en ùa ar(r)edoma o tigela grande vidrada E toma ùa livra de pedra-enxofre been miuda, e deita-lhe do poo do enxofre poco e poco sobre o arjen vivo, ata que seja been incorporado, e toda via meçendo-o con pee de cão con sua pele e sa lã, ata que se torne o fogo como cinza (fol. 10 a). E depois que as(s)i fôr mortificado, deita-o en duas olhas novas que sejam feitas como ar(r)edomas, anchas de joso e estreitas encima. E não fique por encer(r)ar de elas senão un furaco pequeno por u saia o umor. E poras as olhas sobre o fogo en suas fornhalhas e bar(ra)-as been con o bar(r)o e poen ùa tigela en cima dos furados. E quando o fumo vires que sai vermelho e não feder, mete dentro no furaco un espeto delgado. E se algũa cosa se apegar ao espeto, tira as olhas do fogo e deixa-o esf(r)iar. E depois que fôr frio, quebranta as panelas e achara(s) o vermelhão feito. E per este peso faras quanto vermelhon quisieres fazer. E a ùa terça do azogue poe .v. libras do enxofre, e a .v. libras d'azogue ùa libra de enxofre. E quilheres (?) en tal guisa o fogo que não (fol. 10 b) se queime, e da-lhe fuego tenperado, nin vivo nin manso. E te se per ventura se se queimar o vermelhão, quebranta as olhas e moe-o e incorpora-o e mistura-o con otro peso d'azogue e de enxofre e pben-o en otras olhas e faz como dito é. E para been mentes nos fumos como saen as(s)i e nunca os er(r)aras.

CAPITULO XVI. Para por oro en espada o coitelo. Toma as cabeças do carvão de braço e mete-as na forja ata que sejam been vermelhas. E depois sac(a)-as e pon-as en ùa taboa. E lançasas sobre elas dos punhados de sal moido e moeras todos en ùo. E depois lança-lhe dos onças d'anoxatar, meia onça d'azinhavre e amas(s)a todo mui been con o forte vinagre. E faz primeiramente alinpar a espada e o coitelo. (f. 11 a) E, como se escreves(s)es, poen d'esta cenrada u quigeres fazer letras o figurar. Mais prime(i)ramente seja untada con vegera boli e con azarcoanboli. E se fôr tenpo de invernor, estee a espada

o coitelo .ii. dias que não alinpes. E se fôr verão, este un dia; depois lava e guarda tua arma, ca ja onrada fica.

CAPITULO XVII. Para tingir os os(s)os e paos de cual color quigeres, toma ù pao do buxo, o otro cual quier made(i)ro, e coze-o en azeite por tres vezes. E depois tira-o e deita-lhe poos d'alcrevite moido e leixa-o estar por .iii. dias. E depois alinpa-o e sera negro de fora e de dentro.

CAPITULO XVIII. Para tingir e fazer os(s)os (fol. 11 b) vermelhos, tomaras o alacar quanto overes meester e desfaze-o en mui forte vinagre e seja con ù quarto d'anoxatar. E depois coze os os(s)os o o madeiro en esta feição ata que se tornen vermelhos e que se paguen (ms. pagues) da color, que esta tinta pareça vermelha de dentro e de fora.

CAPITULO XIX. Para fazer tingir o (ms. e) buxo o otro madeiro de color preto e fermoso que semelhe azevinhe, toma as limaduras do fer(r)o, e as limaduras do cobre, e do sal comun, almartaque, e fezes de oro, o cual é achado no azarnefe, de cada ùo ùa onça. E lança os en mui forte vinagre por tinta dias. E depois coze-o ata que mingoe a metade do vinagre, e depois toma do azeche e destenpera-o en agua que seja un poco espes(s)o. E metam (f. 12 a) o pao o os ossos con el por muitas vezes, sacando ao sol per cada vez. E tu veras que se tornara preto de dentro e de fora. E esta tintura nunca se tirara do pao o dos os(s)os.

CAPITULO XX. Para fazeres os os(s)os o mangos de color verde como de azinhavre, toma o azinhavre e do anoxatar, .ii. onças de cada ùa. E moe-o con o vinagre been for(te), e des ai deita en eles os os(s)os o mangos de guisa que sejam cubertos d'aquel vinagre con os poos. Eleis(s)a os jazer ata que se faça o verdes (sic) de tal color que te pagues. E pera melhor ser coze-os en ca(l)deira de cobre. E se en esta tintura meteres cualquier madeiro, tornar-se-a verde e mui fermoso.

CAPITULO XXI. Dos os(s)os limados pera fares axedres. Quando quixeres fazer os os(s)os (fol. 12 b) con fogo o sen fogo e fazer de muitos ùo, se o quigeres fazer, toma os(s)os de vaca que nao achão carne nenhũa o os(s)os de marfil, e lima-os been con ùa lima, ata que sejam limados como limaduras de fe(r)o o ser(r)aduras de madeiro. E deita estas limaduras dos os(s)os en ùa panela vidrada con mui forte vinagre. E seja a panela been coverta e bar(r)ada con bar(r)o d'ar(r)edor. E depois d'alfadida peso de .v. onças e de alhos pesados peso de ùa onça, e fervan en quatro onças de vinagre vermelho o en mais. E cõbre-os (aqueles

os(s)os) con este vinagre e volve-os ben con estas confaçiões. E poen-o sobre o fogo ata que se fundão. E quando vires que se fundêe e coalhen como chumbo, e quixeres que fiquen brancos, tira...(lacuna).

(fol. 13 a) (Cap. XXIV) panos o çumo do catasol e dos grãos (?). E depois que tu virez dez o vinte panos (o un que seja grande) che(i)os do sumo, tomaras un alguidar, o testro, cheio de vidos d'omêes, e pon-lhe en çima dos bastões atravesados; que não cheguen ao vido. E deita os panos en cima, estendidos, e esten ai .ix. dias o .xii., meçendo os vidos .iv. o .v. o .vi. vezes ao dia, e revolvendo os panos de ùa parte a otra, ata que sejam corados non... vidos. E quando os vidos foren mais podres e mais fedegosos, quanto melhor color farão. E depois que foren corados do bafo dos vidos, poen-os ao sol, ata que tomen color como morado. E os panos en estas color e been enxutos e corados, guarda-os been do ar do inverno. E quando com ele quixeres aluminar o lavrar, (fol. 13 b) toma un corno been lavado o ùa vieira e talha con ùas tesoiras un pequeno do pano do catasol e deita-o na concha o vieira o corno (ms. carno), e deita-lhe da agua gomada. E depois que o pano fôr tomado que seja ben enbevido d'ela, meçe-o been e logo lavraras con el; ca se aï estiver mais de un dia, logo é botado e perde a color. E as(s)i faras en cada un ano quanto quixeres fazer.

CAPITULO XXV. Quien quixer obrar con oro e con otras cores e como se deven a fazer e a miçcrar, por este engenho o deven a fazer, que é já provado. Prime(i)ramente quando o oro quixeres poer, toma ocre e o alvaialde, tanto de un como de otro, e un poco de giz. E todas coisas ajunta-as en ùo e moe-as todas muito e mui been con crara (fol. 4) d'ovo que seja mui fraca e mui lige(i)ra. E, se fôr mui forte, deita-lhe d'agua e moe-o been. E, se fôr mui ligeira, deita-lhe da c(l)ara do ovo. E esto prova en un pergameno. En aquele lugar u quixeres poer o oro, por ante con pinzel esta confaçion, e, ante que se seque, poen o oro en cima. E des aï bruni-o mui been con dente de porco o de cavalo.

CAPITULO XXVI. Pera tenperar azul, toma a gema do ovo en tal maneira que non ande com ela d'alvagen (sic) nada. E depois moe es(s)e azul mui been en ùa atalmia. E depois filha es(s)a gema do ovo e miçcra-o con o azul. E moe-o todo de consun mui been. E desque fôr ben mo(i)do, toma es(s)e azul en ùa pucara e lança-lhe da agua, e mete mão e meçe-o con teu dedo por muitos vezes. E desque vires es(s)a agua encima do azul parecer e depois que o le(i)xares de meçer enton (fl. 14 b) ...catasol. E se a fôr(?) mui puro e mui linpo de toda maldade. E des-

que esto fôr feito, destenpera-o con agua gomada e enton escreve con ele. Pero, antes que lhe deites agua gomada, seja o azul been enxuto da agua. E, se quigeres, podes deitar na meta crara do brasil por lhe dar melhor color.

CAPITULO XXVII. Se quixeres fazer bôa rosa, filha do brasil quanto quixeres e rapa-o mui ben en cima de ùa corcha o corno. E desai ajunta con el da pedra-ume. E des que esto fezeres, filha da orina d'ũ omen casto e deita tanta en cima d'es(s)e brasil e da pedra-ume ara que sejâ trescuvertos. E leixa-os as(s)i estar por .iiii. dias. E depois filha un pao de giz e deita de poo d'ele en cima d'es(s)e brasil ata que semelhe (ms. semolhe) que seja tanto do un (fol. 15 a) como d'otro. E desai leixa-o as(s)i estar es(s)a confaçion por un dia o (ms. e) por dois. E depois toma es(s)a rosa e moe-a con crara d'ovo gomada e escreve com ela.

Se quigeres fazer (ms. fazer fazer) coor india, mete con el do azul. E se por ventura quixeres fazer tinta (ms. pinça ?) negra, mete con el do negro. E se por ventura a côr alva quixeres tornar en negro, ajunta con el do negro e do alvo e toma do brasil e met(e)-o en un pano alvo e coa-o sobre giz.

Sabe que dez são as côres printipais azul, oripimento (ms. andi—), e vermelhon, verde, carmin, çufii (?), catasol, açafração, azarcon, alvaialde, brasil.

Quando quixeres quebrar la crara do ovo, echa a lhe dela leche dela figueira e quebra-lha-as muito been para tu obra, clara como agua.

(fol. 15 b) **CAPITULO XXVIII.** Se quixeres fazer verde e destenpera-o, deita do vinagre con do verde e da gema do ovo e moe-o todo de consun. E as tres partes sejam do verde e a quarta da gema. E se o melhor quixeres fazer, deita-lhe da agua gomada e deste(n)p(e)ra-o con ela. Se o quixeres tornar en otra côr, mete con el do açafração, e se en otra côr quigeres tornar, mistura con el do branquete e pareçera en sonbra verde e alvo.

CAPITULO XXIX. Se quixeres destenp(e)rar azul, deita-lhe da agua e moe-o con ela un poco e des que fôr been seco d'agua, se o quixeres tornar en outra color, junta con el do branchete, e desli(a)-o(?) con crara do ovo. E se o quixeres tornar en çelectre, junta com el .iii. partes de branchete em a ùa de azul.

CAPITULO XXX. Se quixeres (fol. 16 a) bôo carmin, filha o carmin, agua, e da gema do ovo quanto a metade e moe todo de consun.

E se quixeres que semelhe color sanguinea, ajunta (ms. agu —) con el a terça parte de azul.

CAPITULO XXXI. Se quixeres destenp(e)rar açafão pera escrever con ele, deita-lhe da crara do ovo, e não o moias nin metas con el otra cosa. E se o quixeres meter en otra cõr semelhavel, ajunta con el do oripimento (ms. anr —) ben moido con a crara. Se quixeres matizar con el do azul been moido, quanto a terça parte, e não mais.

CAPITULO XXXII. Se quixeres destenperar o oripimento, destenpera-o con agua e con gema do ovo. E depois tira-o dende es(s)a agua e ovra con ele, ca não quer otra natura.

CAPITULO XXXIII. Se quixeres destenperar o negro anil, (fol. 16 b) fila da agua gomada o da gema de ovo e moe todo de consun. E se con el quixeres destenperar o obrar, junta con (ms col) el do branco ata que semelhe cõr de nuven.

CAPITULO XXXIV. Filha do azul e destenpera-o con agua gomada o con gema de ovo e deita sobre el para matiza-lho carmin o do brasil.

CAPITULO XXXV. Se quixeres colorar con azul branco, matiza con azul puro. E se quixeres colorar con carmin, matiza con carmin o con brasil o con vermelhon.

E se quixeres colorar indio alvo, matiza en el con verde puro. E se quixeres colorar con azarcon, matiza sobre el carmin o brasil e vermelhon. E se quixeres colorar convermelhon, matiza con brasil o con carmin. Pero as cores todas se podem matizar con negro.

(fol. 17 a) **CAPITULO XXXVI.** Filha açafão e a goma e crara de ovo destenperada con todas estas cousas, e poen todo esto en aquel lugar o letra que quixeres fabricar. E depois toma a folha do oro mui sotilmente e a sabor en ùa casa sen vento e sen gente (per amor que non fale a nenhão), e un cendal o pano na boca e nos narizes, que non bafeje ao oro, que lhe fõra (ms. foja) atado (ms, atade) na cabeça. E ponha-o en cima das ditas cousas e leixe-o i estar per ùa ora do dia. E depois filha un poco d'algodão e pon-o sobre esta folha pas(s)amente. E o que over de ficar pera letra, leixa-o estar e o al tolha-o. E des que fezeres esto, mete mão ao brunhidor e brunhe-o mui been con un dente de porco.

CAPITULO XXXVII. Os miçcramentos das coores ataes. Quen (ms. quer) quixer fazer cõr como d'azul o de carmin, toma (fol. 17 b) a metade de azul e a metade de carmin e a terça parte de branco. E se

quixeres mais vermelho, mete mais do carmin. E se quixeres mais branco, mete mais do branco. E quando quixeres perfilar o aluminar, toma azul e o carmin, a metade de cada ão, e miçkra todo con da agua gomada e con da crara (de ovo), e podes perfilar e aluminar. E mete i mais do destenperamento, que seja been craro.

CAPITULO XXXVIII. Se quixeres por oro en livro, toma d'agua das cartas cocha, que seja de bõa guisa forte, e pon-o con pinzel (ms. fin —) ãa vez o duas en aquel logar u quixeres poer o oro. E depois moe o gis con agua cocha fortemente, e mete i un poco d'acafrão e pon-o en aquel logar u quixeres poer o oro per tres vezes. E des que for seco, mete quanto quixeres. E poen i o oro (f. 18 a) con agua gomada fria. E depois bruni-o fortemente con dente de porco.

CAPITULO XXXIX. Se quixeres been brunhir o oro o argen-(tum), apreme-o been (o brunhidor) e depois avre a boca e bafeja sobre o oro ésquentado con mano linpa. E seja o brunhidor quente. E cobra o oro con pano de linho velho. E depois brunhi-o otra vez per cima do pano, esquentado o brunhidor otra vez, sobre o trapo, e bafejando aberta a boca.

CAPITULO XL. Se quixeres fazer cola, toma dos pergaminos e lava-os mui been. E depois mete-os en ãa olha nova e velha e faze-os i muito fe(r)ver ata que sejam been cochos. E des que fôr sumida a primeira agua, mete dentro otra agua. E des que quixeres provar, toma d'ela ãa poca e pon-a en ta palma. E ajunta ãa mão con otra e se prenderen os mãos, ten que é mui been feita a ta cola.

(f. 18 b) CAPITULO XLI. Se quisieres fazer ocre, toma do vermelhom, destenperando-o quanto quixeres, e mizera-o com jalde que seja bõo. E se vires que é muito colorado, mete um poco de negro e sera bõo. E se fôr muito colorado en negro, mete un poco na primeira vez e depois mete mais, tanto do al.

CAPITULO XLII. Se quisieres fazer barniz, filha ãa libra de garassa de cobra (? ms. ralher nobra) o duas o quanto quixeres fazer, e poen ãa libra de grassa e dos d'olio de linhaça. E mete a cada ão d'eles en sua olha. E as olhas sejan novas. E coze cada un de gran vagar, e guardeñ-se que non caia en elhas agua nin otra coisa. E da-les fogo a sabor. E quando entenderes que será a gras(s)a cocha, toma un fuste linpo e meçe con aquel fuste a gras(s). E aquilo que se (fol. 19 a) apegare ao fuste, dai-o (?) con ã cutelo, e deita-o dentro en a olha e prova senpre, ata que se não pegue. E toda via meçe-a con es(s)e fuste.

E des que vires que é rara que não pega en nen(h)ũa, de aí toma ãa pena de galinha e mete-a na olha do olio. E se vires que se inche a pena, entende que é cozido. E tolha-o do fogo e deita-o sobre a gras(s)a e todavia meçendo-o. E quando fôr ralo e feroso enton é feito. E se d'aquel barniz quisières fazer color de oro, aparta a meitade o quanto quixeres fazer, e coa-o do que ficar en fondo da olha. E des aí toma ãa onça d'aloes o duas, o quanto quixeres fazer, e moe-o been en un morteiro. E toma dos poos dos aloes e deita-os no verniz. E estando a olha sobre o fogo e ferva, e depois toma ãa pequena de folha e pon-a (fol. 19 b) sobre ãa taboa. E poe d'aquela doiradura sobre a folha do estanho ou de parata. E se vedes que é bôa, tir-a de sobre o fo(go); e se não, deita-lhe mais dos poos ata que seja been doirada; tolhe-a de sobre o fogo o colhe-o e as(s)i ficará bôo.

CAPITULO XLIII. Toma dos farelos gros(s)os e poen-os en remolho en ãa conca vidriada. E depois que foren remolhados e coados por un pano dobrado linpo. E con aquela agua poerás onde sabes, e oro en cima. E bruni-o a sabor con dente de porco.

CAPITULO XLIV. Se quixeres fazer bôa roseta, toma o brasil e mole-o n'ũ almofariz; que seja been moido. Peneira-o e toma ãa poca de cal virgem e pon-a nũa altamia con agua, ates que se faça a agua crara. E con aquela agua moe o brasil (fol.20 a) e lança-lhe un pequeno de pedra-ume e destenpera con goma e escreve con el.

CAPITULO XLV. Se quixeres fazer bôo verde, toma ã lirio azul verde e toma agua d'alunbre e molha os panos no alumbre e depois no çumo do lirio e faze como ao catasol nos vidos.



<http://biblioteca.ciarte.pt>